

CORREIO POPULAR

Campinas, terça-feira, 11 de Julho de 1978 — Suplemento especial

A FACE OCULTA DO ICEBERG

A personalidade de Carlos Gomes pode ser comparada a um iceberg, quanto àquilo que anda se desconhece do grande maestro campineiro. Os blocos de gelo flutuantes, que erram pelos mares, só mostram dez por cento de seu volume, estando os nove por cento ocultos sob as águas. Com Carlos Gomes acontece a mesma coisa. A medida que se pesquisa a sua vida e a sua obra, novos aspectos vão sendo revelados, havendo ainda muita coisa fora do alcance de nossas vistas.

Em geral a preocupação dos autores, que escreveram ou escrevem sobre Carlos Gomes, voltam suas vistas para seus triunfos no Rio, quando aluno do Conservatório, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e para a sua carreira triunfal como autor de revistas musicais e principalmente como oretista, gênero em que mais trabalhou, na Itália. Isso não quer dizer que Carlos Gomes tenha sido completamente olvidado pelos brasileiros, mas apenas que não se tem dado a devida atenção para muitos aspectos dessa tão complexa personalidade. Há ainda muitos aspectos de sua vida e de sua obra a serem mais profundamente estudados.

Faça-se, entretanto, justiça à Escola Nacional de Música da UFRJ, que, quando ainda era o Instituto Nacional de Música, dedicou a Carlos Gomes um número inteiro de sua Revista Brasileira de Música. Trata-se de alentado e bem cuidado volume com quase quinhentas páginas, editado em 1936 para comemorar o centenário do nascimento de Carlos Gomes, as quais os mais destacados e brilhantes musicistas e musicólogos da época escreveram sobre Carlos Gomes, abordando temas até então inéditos relacionados com o maestro. Principalmente como compositor foi Carlos Gomes focado, nesse trabalho. Por meio de alguns artigos abordando aspectos até então desconhecidos, muita luz se fez pela revelação de coisas, que muita gente ignorava com relação ao campineiro ilustre. Na verdade, tais artigos foram portas que se abriram para quem desejasse e desejasse ainda estudar Carlos Gomes, como entidade em que homem e artista possam ser vistos em toda a sua plenitude.

Uma das lacunas, aliás gravíssima, nos estudos até agora feitos sobre aquele, que projetou, com a sua música, o nome do Brasil além fronteiras, na segunda metade do século passado, está, sem dúvida, no desprezo pelo meio em que se iniciou a formação do músico, em Carlos Gomes. Morando até 1859 em Campinas uma cidade que vivia da cana de açúcar e do café este já cultivado em algumas fazendas, Carlos Gomes muda-se naquele ano para o Rio de Janeiro, a fim de estudar no Conservatório. Quando foi para a Corte, onde encontrou o apoio do Imperador D. Pedro II, com a ajuda de amigos que o protegeram, natural-

mente o campineiro privilegiado já levava uma certa bagagem de conhecimentos. Embora estes conhecimentos, como os adquiridos no Rio com o maestro Gianinni não fossem suficientes para o Conservatório de Milão como se deduz da correspondência entre Carlos Gomes e Francisco Manuel, deviam representar já alguma coisa. É claro que em Campinas ele já estava de posse de conhecimentos tais, que o habilitavam a compor. Uma prova disso temos na Missa em louvor de Nossa Senhora da Conceição, composta em 1859, portanto, aos 23 anos de idade, aqui em Campinas. A partitura dessa Missa encontra-se na Biblioteca "Alberto Nepomuceno", da Escola de Música da UFRJ.

É verdade que algumas referências se encontram em vários autores sobre fatos da vida do maestro, ocorridos em Campinas, mas apresentados de uma maneira não sistemática. São fatos que se enquadram apenas na história fática, simples enumeração de eventos e datas, sem uma apreciação crítica para que se faça luz sobre o processo envolvente desses aspectos. Não se fez ainda algo para aprofundar-se no estudo desse processo, em que as causas determinantes da formação de Carlos Gomes fossem em evidência.

O fenômeno Carlos Gomes não pode, pois, ser estudado sem que se façam estudos profundos do meio campineiro, que acolheu seu pai, Manuel José Gomes, e no qual se desenvolveram dois autênticos talentos musicais, o próprio Carlos Gomes e seu irmão dois anos mais velho que ele, José Pedro Sant'Ana Gomes. Nesse estudo não se pode esquecer do fato de que Sant'Ana Gomes sem ter saído de Campinas compôs várias peças, inclusive uma ópera em Língua Portuguesa, "Alda", cuja partitura se encontra no Museu "Carlos Gomes", do Centro de Ciências, Letras e Artes. Sant'Ana Gomes foi excelente violinista também. Não tendo tido as mesmas oportunidades, que seu irmão Antonio Carlos, Sant'Ana viveu toda a sua existência em Campinas. Como se explica, pois, o fato de haver composto excelentes peças musicais? Eis aí uma pergunta que fica à espera de resposta.

Esta edição dedicada a Carlos Gomes foge à rotina. Ao invés de um trabalho enumerando os acontecimentos já conhecidos, o CORREIO POPULAR procurou sair da superfície para focalizar aquilo que o mar encobre, do iceberg. Ao lançar esta edição de um encarte especial, o CORREIO POPULAR pretende, escolhendo aquilo que o grande público desconhece sobre Carlos Gomes, abrir caminho para os estudiosos, fornecendo-lhes algumas referências. Pretendeu esse jornal, assim, pôr, em foco temas que possam se constituir em sugestões para estudos que, como é óbvio, escapam às características destes trabalhos. Principalmente, aos universitários interessados na História de Campinas, oferecemos estas sugestões.

"Velho amigo Zé Zé (Emigdio).
Podes imaginar o prazer que tive em receber tua carta de 15 de fevereiro, pois tem sido raras as vezes que conversamos de longe.

De longe, isto é modo de dizer, pois longe já quase que andam os tempos da nossa primeira mocidade; mas nós ainda avistamos, sem precisão de óculos — com o pensamento!

Com o pensamento eu, daqui, vejo ainda as ruas de Campinas, do tempo da nossa pandega da primeira idade.

Vejo ainda as taipas que cintam os quintais, algumas delas desfeitas pelas chuvas; vejo cercas de guarantã desmanchadas pela velhice do cipó.

Vejo ainda os brejos da "Bica Grande" povoados de jurumbé, de caracatã, de charcos e despenhadeiros, servindo de ninho aos socós e nhacanans.

Vejo as enxurradas, que do "Largo do Rosário" descem pela rua das "Casinhas", carregando com tudo aquilo que é sapo morto, galinha pôdre, sapatos e chinelos rasgados, cestos, jacás; todo pandemônio, a despejar os córregos que tortuosamente existiam até para lá dos quintais do vermelho e talentoso advogado dr. Sampaio!

Vejo ainda o Zé Pinto, de chambre, na esquina! Vejo o padre Miguel na mesma e de chinelo no portão da quinta. Vejo o mano Juca tocando 4.0 clarineta e vestido de sordado, com barretina de papelão, de espada que metia medo à gente! Vejo o primeiro retrato que Zé Emigdio tirou pelo daguerrecotipo, de flauta na mão, e ainda estou de boca aberta até hoje, admirando aquela maravilha da ciência humana!

Lembrar-me que Nhô Zé Emigdio tirou aquele retrato de bonezinho na cabeça!

Vejo o Tico Duarte ser o primeiro a comparecer vestido de seu capitão da guarda não sou nada, à espera dos soldados que tardavam a se formar no largo da Matriz véia, para a procissão, sendo ele Nhô Tico, compadre do imperador da festa do Espírito Santo, na ocasião.

Vejo o Tico Custodinho vestido de seu alferes, ter medo de bombas de bateria da porta da igreja, e tirar a barretina para cobrir a cara, deixando cair a espada (que foi logo apanhada por um moleque) menos mal!

Vejo até o Tonico do Manéco Músico (ele mesmo) vestido de Anjo de procissão e só a olhar para o ar, acompanhando o giro de cada foguete.

De repente vejo o despregar-se do guia e ir pegar rojão!

Eta!... diabo de menino!

Vejo o Bahía danado e mastigando os beiços como quem masca fumo, por ver o Simplicio sineiro (irmão do Chico sapateiro) tocar forte demais (o seu sino) com perigo de derrubar a torre de quatro estelhos de jequitibá, à esquerda da Matriz véia.

Sinto ainda o aroma do basílico da Semana Santa, em Campinas, no interior das igrejas. Lá está ainda o Juca Cruz parado na grade, a namorar o mulherto que está sentado, esparramado pelo soalho do templo de Deus!

Lá vem o genro do Pingurra, vestido de sacristão, de vela na mão.

Lá está o Joaquim Mariano a questionar com Miguel Vaz, porque ambos querem ser o primeiro cantador ou berrador de Baixo no côro.

Lá vem sossegado o Manoel Francisco, de violino sem caixa (por economia).

Lá vem Manoel Gomes da Graça, de viola no saco de baeta verde e de cabelos crespos, bem penteadinhos!

Lá vem mascando o charuto o Quito Músico.

Carlos Gomes retrata sua terra no tempo de sua juventude

Chega por último o Nhô Teles, zabumbeiro, mas esqueceu-se da zabumba em casa; não faz mal ele vai buscá-la, mora ali perto... para lá do Tanquinho...

Por fim, vejo-os todos de palestra na esquina da igreja, à espera que toque o sino.

Vejo ainda os palmitos plantados pelas ruas da cidade onde passa a procissão da sexta-feira da Paixão. Ainda ouço cantar a Verônica...

Bem estou vendo lá longe, no fim da rua Direita, um judas de Aleluia, dependurado...

A meninada lá está, à espera do repique do sino para cair de pedrada no sujeito...

Lá está o Zé Pinto Borrório, furioso porque o judas parece-se com ele...

Todos dão culpa ao Juca Coutinho, como o autor do judas; mas logo vê-se que é mentira, porque o Doque (irmão dele) garante que o Juca passou a noite a fazer um enorme — papagaio (servo volante), contando com bom vento.

Enfim acabou-se a festa da Semana Santa; e lá vai o Zé Emigdio para casa, de flauta debaixo do braço e todo chic, bem vestido, com botinas borzeguim, sendo o interior de cor vermelha.

Lá vai para casa também Emigdio Ramos (pai) vestido de seu tenente da Guarda Nacional (da reserva) com pluma branca na barretina.

Lá vem agora o Joaquim Cachica, todo janota e gingando, de volta do Paraguai...

Não, não voltou!
Lá vem uma tropa de burros mansos, carregando o toucinho de Minas Gerais até o Cubatão abaixo.

Olha! Olha! quem vem lá? E' ele!

Ele quem?

— Pois não vê? E' o Paracatú...

Oh! meu Zé Emigdio, quantos personagens eu poderia apresentar nesta palestra com lanterna mágica... Oh! quantos que já lá foram, e eu sempre os recordo, porque sobre os olhos da mocidade ficam impressas as fisionomias dos seres mortais, como de todas as coisas que formaram o cenário do 1.º ato da nossa vida!

Como te disse, de longe é como de perto, porque entre o pensamento e a distância não há separação. Quantas vezes tenho eu sonhado com a antiga romaria do famoso bambuzal da "Campinas Velha"?

Na breve exposição que te acabo de fazer de personagens antigos e modernos de Campinas, terás compreendido que me lembro de tudo e de todos, como se fosse hoje!

Mas quanta diferença daquele tempo ao dia de hoje, sem que por isso possamos dizer com orgulho: Oh! que progresso!

Entre outras fatos que ainda me lembro do nosso tempo, é aquela noite escura mais do que breu, em que eu acompanhei o amigo Zé Emigdio pela "Rua do Rosário" acima, caminhando às apalpadelas, tal era a escuridão!

Para que fim?
Só depois é que eu percebi, quando de repente abre-se uma rótula, e uma mãozinha delicada passou ra-

pidamente pelo vão da janela uma flor chamada bogarrim, que nhô Zé Emigdio apanhou convulsivamente, exclamando: "Oh! como é deliciosa esta flor... ainda toda orvalhada e cheia de sublime perfume!"

Não sei dizer se naquele momento o amigo Zé preferia a flor ou beijar a mãozinha que a oferecera tão rapidamente e ocultava-se cerrando a rótula (a qual naquele tempo era, na prática, de subir e descer verticalmente), como ainda existem umas janelas na célebre casa do falecido desembargador Albino José Barbosa de Oliveira.

Mas, voltando ao caso da flor, não sei se o amigo Zé ainda se lembra daqueles dois olhos pretos da criatura que, aquelas horas, o esperava, para dar-lhe a flor...

Entretanto, ainda me lembro de mais de um episódio cômico do tempo em que a "Rua de Baixo" era o ponto do humorismo, sendo habitada pela rapazeada de espírito.

Naquela volta da Araraquara, que foi para os músicos de Campinas, como a volta de Napoleão I de Moscou Eu, entrando a cava'o pela vila a dentro, vinha montado num sendeiro já meio morto pela fadiga da marcha. Na garupa trazia eu o picaó de um lado de outro lado da mesma garupa uma quantidade de passarinhos mortos, e entre estes umas perdizes, papagaios, jacús, etc.

A insia que tive de chegar me fez apressar o passo do pobre animal, que já não podia nem consigo, nem comigo, sendo, portanto, eu, o primeiro a comparecer como "avant garde" de desastrosa expedição.

O amigo Zé, que não deixava passar pela "Rua de Baixo" ratão algum que fosse merecedor de váia, sem fazer aquilo que se fazia, no tempo de entrudo, isto é, molhar tudo quanto estava enxuto, logo que me avistou, lá longe, preparou-me uma váia, da qual ainda me lembro, porque principiou logo do momento em que fui avisado defronte da casa onde morava o Quito Músico, até depois de passada a esquina do "Beco da Ca-deia"...

Aquilo é que foi trôte que eu tomei em regra, ao som de gargalhadas e gracejos... daquele tempo.

Oh! amigo Zé, que não daria eu para voltar àquele tempo, para tomar váias. E tu, também, quanto não darias hoje para me esperar na Rua de Baixo, a fim de preparar trotes e recepções humorísticas ao amigo Tonico, de picaó na garupa?

Mas, são desejos inúteis

Agora quem nos dá váias é o tempo, o rigoroso tempo, que procede sempre seriamente, severamente, mesmo em tempo de alegria. Seja desde ou daquele modo, ele passa sempre sobre nossa existência sem se rir, sem chorar, sem avisar mirtal algum!

Uma só coisa me consola: que o tempo é igual para todos! Mudemos, pois, de conversa, e terminemos esta palestra que já está longa demais.

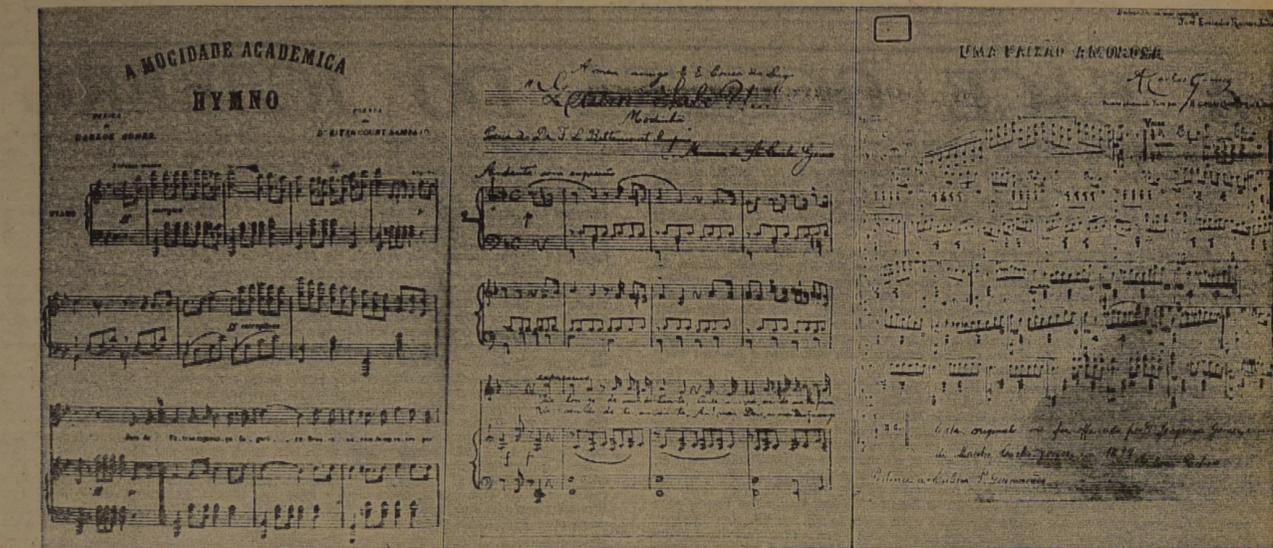
O melhor é ir almoçar com bom apetite, tendo diante de si o revirado das ervas rasgadas, e o pica-dinho, o entrecosto gordo, e gostoso como diabo!... A boa pinga, o pinhão cozido e o mangarito... Meu Deus! Que água na boca!!

Feliz de ti, meu Zé, que goza sde tudo isso. Mas, entretanto, ainda espero lá voltar para matar saudades de tudo, e de todos...

SUPLEMENTO ESPECIAL

PESQUISA: Benedito Barbosa Pupo

Visão de Campinas ao tempo em que Carlos Gomes aqui viveu



Aqui estão três composições de Carlos Gomes, feitas no período em que viveu em Campinas. "Uma fazenda amorosa" é considerada a primeira das composições do maestro. A modinha "Quem sabe?..." com letra de Bitencourt Sampaio foi composta quando Carlos Gomes tinha seus vinte anos. "A Mocidade Acadêmica" data de 1857. Foi composta a pedido dos estudantes de São Paulo

Os estudos sobre Carlos Gomes geralmente se limitam a dar traços biográficos do compositor campineiro, sem entretanto se aprofundarem no estudo da época de seu nascimento e adolescência, assim como o meio em que viveu sua infância e juventude. O fenômeno artístico, que foi Carlos Gomes no século passado para ser bem conhecido, não pode deixar de ser inserido naquela Campinas, que embora já tenha o Brasil se tornando independente de Portugal, desde 1822, era ainda um núcleo urbano com características nitidamente coloniais. Só assim poder-se-á compreender a carreira vitoriosa de compositor, que mesmo antes de 1870, com a apresentação de "O Guarani", já estava consagrada na Itália como autor das duas revistas musicais, "Se sa Minga" e "Em la Luna", de grande êxito naquela península.

Uma estatística de 1836
Nascido em julho de 1836, apenas quatorze anos após a Proclamação de D. Pedro I, às margens do ribeirão Ipiranga, Carlos Gomes passou sua infância e adolescência numa comunidade, cujos integrantes viviam então em função da economia canavieira e cafeeira, os dois grandes fatores da prosperidade e opulência de Campinas. Filho de musicista, Manuel José Gomes, paulista da então vila da Paraíba, Carlos Gomes encontrou em casa ambiente familiar envolvido pela música, já que o pai era professor dessa arte e regente da única banda musical aqui então existente. Assim, naquela pequena povoação "erecta Vila no ano de 1797; atualmente próspera pelos férteis terrenos que existem no seu distrito, compreende 6.668 habitantes", como foi descrita pelo marechal de campo Daniel Pedro Muller, em seu "Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo", correspondente aos anos de 1836 e 18.

Quando nasceu Carlos Gomes, a nossa Campinas de hoje era ainda a Vila de São Carlos, designação que lhe deram em homenagem à Rainha Carlota Joaquina, e não em homenagem ao santo homônimo, muitas vezes mencionado como o seu padroeiro, erro em que incidiu o próprio Daniel Pedro Muller. Este não manifesta boa impressão ao referir-se às construções de Campinas: "Na Vila tem (sic) os edifícios públicos da casa da Câmara e Matriz (Orago S. Carlos) ambos medíocres; cuida-se porém de edificar uma nova Igreja".

Dados oficiais, colhidos na Prefeitura de Campinas, permitem nos fazer uma estimativa de qual seria a área urbana da então próspera Vila de São Carlos no final da década de 40. Sabendo-se que em 1818 a Vila possuía 49.700 metros quadrados e em 1878 atingiria a 2.006.00 de metros quadrados, em 1836, com a escassa população registrada, (considerada em termos atuais, por enquanto para a época era vista de outro modo), deveria estar em muito menos do que cem mil metros quadrados. A partir do advento do café e da estrada de ferro, inaugurada em 1872, é que a então já cidade de Campinas teve sua expansão urbana incrementada para atingir os dois milhões de metros quadrados. Quanto ao número de prédios havia nos anos do Censo de Daniel Pedro Muller, 969, nos quais se abrigavam os 6.889 habitantes, dos quais 859 eram homens e 866 mulheres de cor branca, 531 homens e 501 mulheres de cor parda, livres, mais 633 homens e 548 mulheres dessa mesma cor, cativos. A população negra registrada por Daniel Pedro Muller se compunha de 9 homens e 3 mulheres, criolos livres. Nesse item de "pretos criolos" in-

cluem-se mais 832 homens e 818 mulheres, cativos. No item dos "pretos africanos" registram-se 2 homens e uma mulher, livres, e 534 homens e 552 mulheres, cativos.

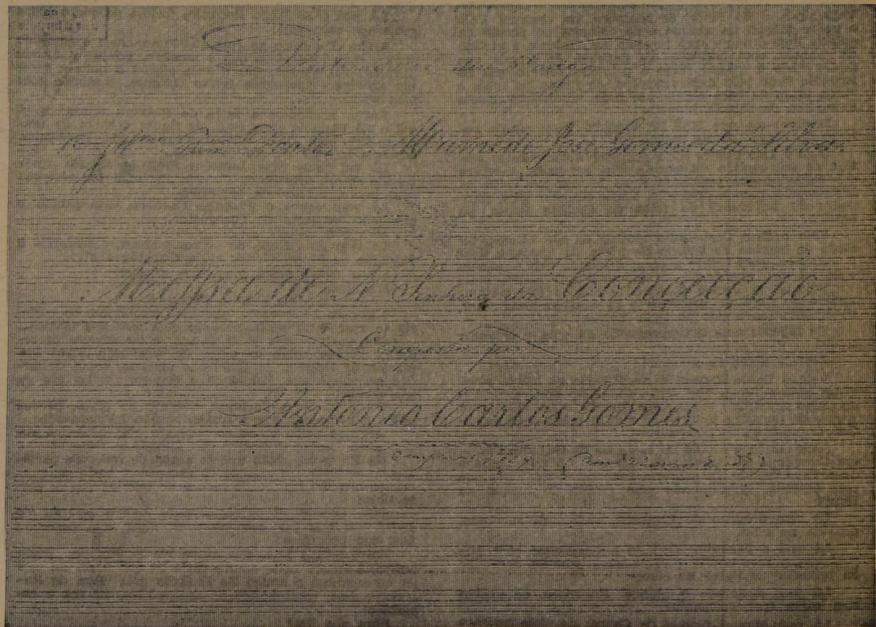
No Censo de Daniel Pedro Muller, feito levantando-se em conta as minúcias, está o registro de 1.838 pessoas casadas e 320 vivias. Os solteiros são classificados em duas categorias: de menos de 30 anos e de mais de 30. São 3.978 da primeira categoria e 544 da segunda. Carlos Gomes deve estar entre os 537 nascidos naquela época. O crescimento vegetativo da Vila foi de 276 almas, já que o número de mortos foi de 261. Das crianças nascidas, 311 eram livres e 226 cativos. Dos 261 mortos 117 eram livres e 144 cativos. 52 pessoas livres e 33 cativas se casaram então.

Nas profissões, aparecem 4 músicos, 5 ourives, 4 marceneiros, 5 seleiros, 2 caldeireiros e 1 funileiro. As quatro profissões com maior número de elementos registrados são estas: 39 carpinteiros, 32 sapateiros, 26 ferreiros e 19 alfaiates. Quanto a estabelecimentos de instrução, duas escolas primárias são registradas, com o total de 73 alunos. São mencionadas 3 irmandades católicas: Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Segundo relato de Joaquim Correa de Melo, a

cafeicultura começou a ser atividade econômica em Campinas a partir de 1842, mas pelo Censo de Daniel Pedro Muller já em 1836 estava presente na economia campineira, pois em sua estatística são registradas 8.081 arrobas para o café produzido na Vila de São Carlos. Os derivados da cana, açúcar com 158.447 arrobas e a aguardente com 7.399 canadas, constituíam-se em elemento ponderável da nossa economia. Além da cana de açúcar e do café, a produção agropecuária do município consistia de arroz, farinha de mandioca, feijão, milho, fumo, trigo, porcos, gado vacum etc. O valor dessa produção é de Cr\$ 308.325.620, ou trezentos e oito contos e trezentos e oito e cinco mil seiscientos e vinte reais. (Conto de Reis é o cruzeiro atual).

Essa produção era oriunda de 93 engenhos de açúcar, que distilavam aguardente, número esse que deveria responder a igual número de fazendas. A comprovação de que o café já era elemento não depressivo na economia campineira pode ser confirmada pelas 9 fazendas registradas. A atividade rural dos campineiros exercia-se ainda em 16 engenhos de serrar e em 6 fazendas de criar.

Havia na Vila 300 praças da Guarda Nacional, distribuídas por três companhias, sendo duas de in-



Página de rosto da Missa em louvor de N. S. da Conceição, composta em Campinas, em 1853

fantaria e 1 de cavalaria. Desse total de trezentos 220 eram da infantaria e 80 da cavalaria.

Essa é a visão que nos dá Daniel Pedro Muller, da Vila de São Carlos, que seis anos mais tarde adquiria foros de cidade. O final da década de 40, na qual durante três anos consecutivos os canaviais e os cafezais foram tremendamente castigados por impiedosas geadas, a ponto de os fazendeiros pensarem em outras culturas, como nos relata Célio Debes em seu livro "Campos Sales", recentemente publicado. Assim é que "os fazendeiros, desalentados, buscaram uma outra cultura capaz de compensar-lhes os esforços, passando a cultivar o chá. Esta tentativa foi, porém, "efêmero devaneio" pois a rubiacea "na verdade, é que traria a riqueza, o progresso e a projeção às áreas que se dilatavam rumo ao oeste paulista, a partir da antiga Vila de São Carlos". No ano agrícola de 1839-1840, segundo Maria Tereza Schore Petrone, (A Lavoura Canavieira em São Paulo), exportaram-se 136.524 arrobas de café, o que confirma o fato de já no meio dessa década, a cafeicultura -constituir-se em fator positivo da economia campineira, enquanto a exportação de açúcar atingiu a 570.776 arrobas.

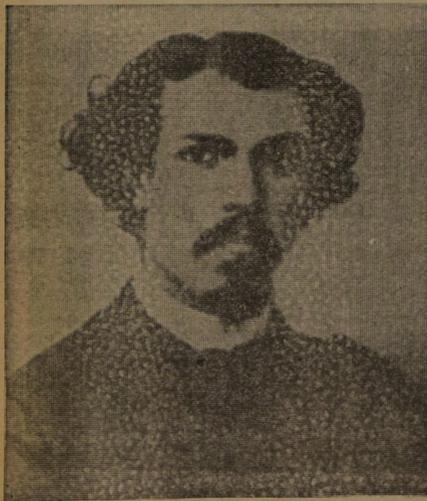
CARLOS GOMES TOCA NA BANDA

A década seguinte se assinalaria pelo incremento que a cafeicultura então tomara no município. Dentre os muitos acontecimentos, que ocorreram nessa década, há destacar-se a visita do Imperador D. Pedro II a Campinas. Foi a primeira visita do Soberano a esta cidade. Verdadeiro acontecimento social, foi essa visita. Permanecendo em Campinas de 26 a 30 de março de 1846, o monarca brasileiro recebeu inúmeras homenagens, que constaram de grandes festas, sendo de assinalar-se a cavalcada realizada em sua honra a 28 daquele mês.

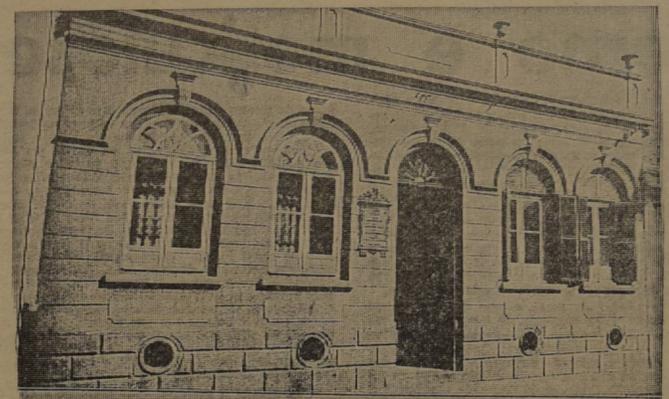
O escritor campineiro Benedito Otávio, descrevendo já neste Século essa memorável festa, nos dá a conhecer a participação nela daquela que mais tarde se transformaria em glória nacional, graças ao seu talento musical: Carlos Gomes, então com dez anos. Narra Benedito Otávio que, encerrado o torneio o monarca se retira, desfilando o cortejo imperial "de retirada e a música ao estalejar dos foguetes que espocavam atira nos ares os sons de seus metais". Na banda dirigida pelo "Maneco Músico" estavam seus dois filhos menores, "Tonico", o futuro autor de "O Guarani" e seu irmão "Juca", dois anos mais velho do que o primeiro. E ainda Benedito Otávio quem narra: "Ora, justamente no palanque onde essa música "abrilhantava as festas", dois filhos do maestro Manuel José Gomes, tocando, assistiam maravilhados a esse espetáculo maravilhoso", com que Campinas homenageou o Imperador do Brasil. "Eram duas crianças morenas" — escreve Benedito Otávio — "de doze e dez anos e respectivamente empunhando uma clarineta e tangendo os ferrinhos (triângulo)".

UM RETRATO SOMBRIO DE CAMPINAS

Nem tudo são alegrias numa cidade, como já se viu pelo ocorrido em consequência das geadas da década de final 40. em tudo são flores, há também espinhos. A história de uma cidade é feita de claro e escuro. O conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, da ata sociedade carioca e proprietário da Fazenda "Rio das Pedras", por exemplo, dá-nos um depoimento sobre Campinas, muito pessimista. Ao final da metade do Século passado, Campinas não teria ainda grandes recursos pelo que narra o Conselheiro, em seu livro de memórias, constante datas de 1882, cartas muitas das quais escritas em Campinas, na Fazenda Rio das Pedras. Recordando, em uma de suas missivas, pinta o Conselheiro um retrato muito sombrio de Campinas, na metade do Século, ou mais precisamente em 1850, ano em que dois filhos seus um menino e uma menina, aqui faleceram. Após referir-se às doenças das crianças, o Conselheiro assim narra os fatos: "O nosso martírio foi grandel! Sós, abandonados, sem uma pessoa de amizade além



O jovem maestro Carlos Gomes, numa foto de 1861 (litografia Mello & Cramer, do Rio)



Esta casa, na rua Regente Feijó, em Campinas, que tinha o número 1251, foi o berço de Carlos Gomes. Em seu lugar, existe hoje um "arranha-céu". Apenas uma placa colocada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes assinala o local, onde nasceu Carlos Gomes a 11 de julho de 1836

do Padre João, velho de 85 anos, apenas achamos companhia na D. Leocádia. Os médicos eram o Gômide, que para visitar os doentes à noite, exigia um acompanhamento de oito ou dez pessoas, armadas e com archotes e o maluco do dr. Ricardo Gumbleton, que ainda vive. Não havia uma botica regular, e para obter um remédio à noite era preciso desencantar o boticário do centro das devassidões. E todavia o Gômide morava ao pé de nós, no sobrado em que mora o Ferreirinha".

DOIS MONUMENTOS

Em compensação, Campinas já contava então com o Teatro São Carlos, construído em 1847 e pertencente a uma associação fundada no ano anterior. Esse teatro em que atuaram grandes companhias líricas e dramáticas, entre as quais a de Sara Benhardt, serviu também para grandes acontecimentos históricos, de relevância, por ocasião da campanha republicana. Augusto Emílio Zaluar, que realizou em 1860 - 1861 uma peregrinação pela Província de São Paulo escreveu sobre ele estas palavras: "O teatro de Campinas, melhor do que o de Capital faz honra ao bom gosto e à riqueza da população". Alguns anos mais tarde, Carlos Gomes seria ovacionado, após a conquista de muitos louros na Europa. "A 29 de abril de 1853, foi naquele Teatro que Carlos Gomes e seu irmão Sant'Ana, muito jovem ainda, se apresentaram pela primeira vez em público com um concerto de piano, violino e clarineta, executando este último instrumento, a fantasia "Alta Noite", composição de Carlos Gomes". Isso foi o que escreveu Alberto Firzaro Jacobina, em seu artigo "Visita à cidade natal de Carlos Gomes".

Mas não foi só o Teatro São Carlos, que entusiasmou Zaluar, que viveu cerca de dois meses entre os campineiros. A Catedral também. Referindo-se às igrejas de Campinas — Rosário, Santa Cruz, Matriz Velha e Matriz Nova, escreveu que as três primeiras cousa alguma tinham de notável "O Matriz Nova, porém, segundo as proporções com que é edificada e as somas fabulosas que já se têm gasto, promete ser um dos primeiros templos ou talvez o primeiro templo não só do Sul como da Província toda". Essa emilência que crescia dominando o casario do pequeno burgo, que era Campinas no período da infância e adolescência de Carlos Gomes, inteiramente vividas pelo maestro, aqui, causava espanto. Ideada na primeira década do Século XIX por Felipe Neri, a Matriz Nova erguia-se lentamente alimentada primeiramente pela cana de açúcar e depois pelo café. Só em 1883 foi inaugurada.

Sobre a Matriz Nova, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição, hoje a Catedral Metropolitana, sede da Arquidiocese de Campinas, escreveu Nelson Omega em "A Cidade Colonial": "A julgar pelas dimensões vastíssimas, não se pensou apenas em construir um templo para a congregação dos fiéis de um povoado modesto. Planejou-se erguer um monumento. Decidiu-se plantar uma montanha sobre as Campinas a montanha eterna de Deus, cujas avalanchas fossem sedimentar de bênçãos, os campos distantes, por muitas léguas, as almas distantes, por muitos pecados".

Omega, aludindo à "vida que não contava mais do que quatro mil almas", quando Felipe Neri se lançou ao empreendimento de edificar a Matriz Nova sentenciava: "Era na verdade, grande demais para a pequena Campinas de então".

MISSA COMPOSTA EM CAMPINAS

Ainda em Campinas, ou melhor no último ano, 1859, em que aqui viveu, Carlos Gomes, que já revelava seu talento em composições várias, compôs em agosto uma Missa — A Missa de Nossa Senhora da Conceição — obra essa não mencionada pelos seus biógrafos. Foi essa, talvez, a primeira obra de fôlego composta pelo maestro que então tinha 23 anos. Dedicou-a Carlos Gomes ao seu amigo Dr. Mamede José Gomes da Silva, segundo se lê na página de rosto do manuscrito existente na Escola de Música, da Universidade Federal, do Rio de Janeiro.

Essa Missa foi, sem dúvida, uma das últimas composições em sua terra natal, já que 1859 assinala a sua "fuga" para o Rio de Janeiro. Até então, como vivia Carlos Gomes em Campinas? Parte de seu tempo era tomada pelo trabalho, como aprendiz de alfaiate. Outra parte era, naturalmente à música, como

relata Leopoldo Amaral, em seu livro "CAMPINAS — Recordações", livro evocativo de costumes, pessoas e fatos campineiros: "Residindo sempre em sua terra natal, o jovem artista aqui se entregava aos mistérios da música, lecionando piano, ensinando missas, marchas, músicas de danças, no louvável intuito de auxiliar seu velho progenitor, que era quem dirigia a corporação. Uma outra vez "dava uma aula" em companhia de seu boníssimo irmão Felipe Ana Gomes, a São Paulo, em viagens difíceis a cavalo. Ali realizavam concertos de violino e piano".

Roberto Seidl, referindo-se à infância de Carlos Gomes, em Campinas, nos conta como o menino campineiro, que já compunha "missas da escola pacianiana", se ilustrava em matéria de música: "Nas poucas horas de lazer, refugiava-se o pequeno Antonio Carlos em lugares ermos e aí, no silêncio e na solidão, lia partituras de óperas, principalmente as de Verdi, que exerciam verdadeira fascinação no seu espírito. O "Trovador", que há poucos anos tinha sido cantada no Teatro Apolo de Roma, seduzira-o de tal maneira que dormia abraçado à partitura, conseguindo retê-la decor". E Roberto Seidl prossegue: "Aos quinze anos meteu-se a rabiscar tudo quanto era pentagrama que lhe caía nas mãos: eram valsas, modinhas, polcas e até o esboço de uma partitura de ópera!..."

UM RETRATO SENTIMENTAL E HUMORÍSTICO

Em carta (publicada à parte neste Suplemento) dirigida ao seu amigo José Emídio Ramos Júnior, datada de Milão, em 1894, Carlos Gomes pintou Campinas de sua juventude, com grande senso de humor. José de Campos Novais, transcreveu-a em artigo publicado na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, em 1905. É desse artigo, este parágrafo: "Quais as suas impressões de criança e de rapaz, no meio das festividades de nosso velho tempo, em que o seu venerando pai educou uma numerosa geração de músicos, hoje infelizmente dispersos ou desaparecidos, que tantas e tão belas mostras davam de sua capacidade de educador e de discípulo da Capela Imperial".

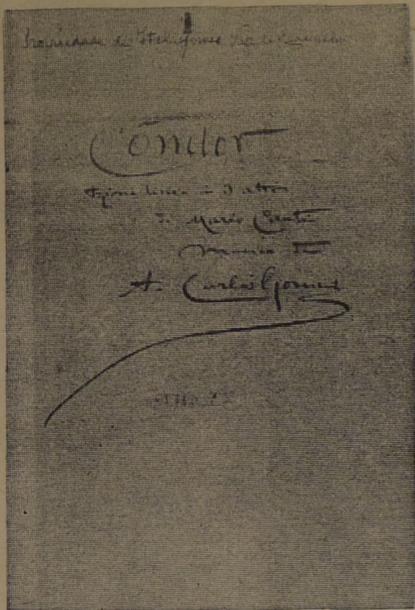
Um comentário expressivo de José de Campos Novais refere-se à qualidade de revistógrafo de que era dotado Carlos Gomes, pioneiro do gênero "revista musical" na Itália. Ei-lo: "Que bela revista campineira não teria ele composto, antes de ir escrever para os milaneses as duas revistas: "Se Sa Minga" e "Nella Luna!..."

Focalizando o meio campineiro no período da infância, adolescência e parte da juventude de Carlos Gomes, visamos com isso a abrir campo para estudos mais profundos (que uma simples reportagem não comporta) para chegar-se à gênese da consagração do maestro como compositor. Francisco Manuel, então diretor do Conservatório, onde estudou Carlos Gomes, no Rio, exclamou, diante da vitoriosa estréia de Carlos Gomes como operista, com "A Noite do Castelo", em 1861, que o nosso contrarrêneo só devia a ele e a Deus o que sabia.

É inegável, entretanto, que ao sair de Campinas, Carlos Gomes já levava apreciável bagagem de conhecimentos musicais, que se constituíram na infra-estrutura necessária para a aquisição rápida de ensinamentos ministrado no Conservatório da Corte. Encontramos em José de Campos Novais este trecho muito expressivo, que confirma tal asserção: "Seria aqui inexplicável a aparição dum astro de tal grandeza no céu artístico da Itália, sem que ao menos um princípio de arte fosse o propulsor natural dum aptidão tão excepcional no nosso provinciano".

Naturalmente, os conhecimentos de seu pai permitiram a Carlos Gomes uma boa formação básica no campo da música. A sua "Missa em louvor de N. S. da Conceição", composta em Campinas em 1859, demonstra que ele não era jejuno na arte de compor. Além da influência de seu pai, outros fatores não podem ser desprezados, como o seu contato com o violinista Paul Julien, que mais de um ano viveu em Campinas. A este artista assim se refere José de Campos Novais: "Outro conselheiro das suas aspirações para uma arte mais elevada foi a morada na sua casa paterna dum dos grandes prêmios do Conservatório de Paris, um desses artistas dominados pelo desejo de viajar até o extremo da Terra, sem medir as aptidões das platéias ignoradas ou quase bárbaras do Novo Mundo".

CÔNDOR MUDA DE NOME: ODALEIA



Não obstante haver resolvido Carlos Gomes dar nova denominação à sua ópera Côndor, melodrama em três atos, sobre livreto de Mario Carti, o nome primitivo é ainda o geralmente adotado em artigos e citações. Inicialmente, teve essa ópera por título o nome da principal personagem masculina, Carlos Gomes, entretanto, rebatizou-a com o nome da principal figura feminina: Odaleia.

O motivo que levou Carlos Gomes a essa mudança de nome prende-se à sua intenção de levar a ópera em Paris, mas o nome desta — Côndor — precisaria ser mudado, porque, pronunciado em francês, resultaria num trocadilho obsceno.

Levada à cena no "Scala", na noite de 21 de fevereiro de 1891, caberia a Toscanini regê-la, mas este inesperadamente se afastou do teatro, sendo então substituído pelo maestro Mugnone. É curiosa a circunstância em que Côndor deixou de ser regida por Toscanini, como se verifica pelo relato da filha do mestre, Hala Gomes Vaz de Carvalho: "O regente devia ser Toscanini, o já notável, embora muito moço, regente de orquestra. Semanas antes, porém, exasperado com os pedidos insistentes do público, que exigia bis, não sei mais de qual trecho de uma das óperas do repertório do Scala, largou em pleno espetáculo a batuta sobre a estante, saiu da sala, fugiu do teatro cheio de ira e correu, ainda encasacado, tomar o primeiro trem que partia naquela mesma noite para Gênova, de onde devia embarcar para a América do Norte!"

Nas partituras dessa ópera, a palavra Côndor está sempre acentuada na primeira sílaba, sendo portanto paroxítona. Muitos, que desconhecem a ópera, atribuem o seu nome à ave andina condor, não levando em conta que se trata de um nome próprio.

"JOANA DE FLANDRES"

Empenhado em contribuir para a cultura de nossa gente e a preservar a memória de Campinas, o CORREIO POPULAR tem procurado localizar muitos documentos importantes de sua História da cidade. No tocante a Carlos Gomes, podemos orgulhar-nos de que o nosso esforço não tem sido em vão. As duas primeiras óperas de Carlos Gomes — "A Noite do Castelo" e "Joana de Flandres" ou a "Volta do Cruzado" — eram, por muitos consideradas perdidas se não em todo, pelo menos em sua maior parte, o que impedia a sua montagem. "A Noite do Castelo" já foi levada com êxito na Semana de "Carlos Gomes" de 1977 e será repetida agora na deste ano. A participação de nosso redator Benedito Barbosa Pupo foi relevante, pois graças a ele se pôde completar a partitura para piano e canto existente no Museu "Carlos Gomes" do Centro de Ciências, Letras e Artes, com o microfilme conseguido na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, que também, incentivada por esse jornalista, localizou o livreto de "A Noite do Castelo", daquela biblioteca, obtendo também o microfilme do texto da primeira ópera de Carlos Gomes.

Agora, no momento em que encerrávamos os trabalhos desta edição sobre Carlos Gomes, recebemos comunicação do Rio de Janeiro de que havia sido localizada ali a partitura de "Joana de Flandres". Isso também sob o incentivo do jornalista Benedito Barbosa Pupo. Baseado em informações do musicólogo Luis Heitor Corrêa de Azevedo, residente em Paris, Benedito Barbosa Pupo conseguiu que o pessoal da Biblioteca "Alberto Nepomuceno" da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizasse buscas em seu arquivo, as quais tiveram resultados positivos.

Segundo as informações a nós transmitidas, as cópias (manuscritas) estão em dois pacotes, em mul-

to bom estado. Nesses pacotes, se acham as partes de orquestra.

Quando ao livreto, o bibliófilo campineiro, residente em São Paulo, João Falchi Trinca, que é um apaixonado colecionador de obras sobre Campinas, acaba igualmente de conseguir um exemplar desse trabalho de Salvador de Mendonça, sobre o qual Carlos Gomes compôs "Joana de Flandres".

E' com prazer que transmitimos aos nossos leitores essas auspiciosas notícias, pois assim, como aconteceu com "A Noite do Castelo", "Joana de Flandres" poderá também ser posta em cena.

"A Noite do Castelo" levada à cena pela primeira vez no Teatro Lírico Fluminense, do Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 1861, tem três atos "Joana de Flandres", que subiu à cena pela primeira vez no mesmo Teatro a 15 de setembro de 1863, tem quatro atos.

O que levou o nosso redator a persistir em suas pesquisas para localizar "Joana de Flandres", que foi informado por Luis Heitor, quando da sua permanência em Campinas, como contratado pela UNICAMP, foi a convicção de que essa preciosidade de Carlos Gomes devia existir na Escola de Música, pois Luis Heitor publicara há anos em seu livro "Relação das óperas de autores brasileiros" um clichê de duas de suas páginas. Outro fato foi o que a própria Revista do Instituto Nacional de Música, no número dedicado a Carlos Gomes, publicara um encarte como em que se reproduziam a "Cavatina", de Joana; o "Sollo de Flauta" (dedicado ao flautista Reichert pelo autor) e a "Aria", de Raul, com acompanhamento de piano.

ARCHIVO DE MUSICA BRASILEIRA
(Publicação da Biblioteca do Instituto Nacional de Música)

Nº 6
Trechos escolhidos da ópera

JOANA DE FLANDRES
(Cantada pela 1ª vez no Rio de Janeiro em 15 de Setembro de 1863)

Cavatina
(JOANNA)

IV Ato A. Carlos Gomes (1836-1907)

Andantino

foi... ramos... ao an... da...

foi... ramos... ao an... da...

foi... ramos... ao an... da...

SUPLEMENTO DA REVISTA BRASILEIRA DE MUSICA - VOL. III, 2º SEM.



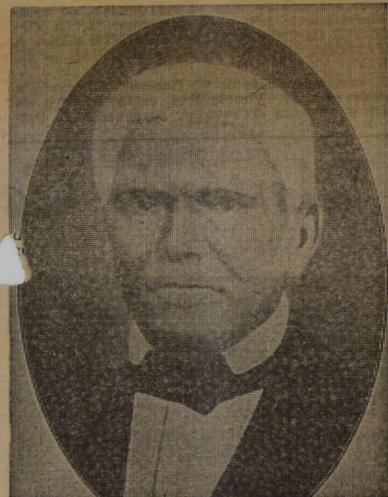
Cena final de "A Noite do Castelo", levada em Campinas durante a Semana de Carlos Gomes, nas noites de 15 e 16 de setembro de 1977.

FAMILIA DE MÚSICOS

José de Castro Mendes, que organizou em março de 1970, o "Suplemento Comemorativo do Centenário da apresentação de "O GUARANI", no Scala, de Milão, editado pelo CORREIO POPULAR fez uma relação dos músicos oriundos de Manuel José Gomes. Nessa relação, não consta o nome da violinista Alda Gomes Grosso, senhora Oscar Borgeth, também bisneta do "Maneco Músico". Eis o trabalho de José de Castro Mendes:

"MANOEL JOSÉ GOMES, natural de Parnaíba aqui radicado desde 1809, foi o precursor do ensino musical em Campinas e chefe de numerosa prole da qual se destacam ilustres instrumentistas que muito elevaram a arte musical em nosso país como sejam:

Padre Sant'Ana Gomes (filho), exímio organista, e primoroso compositor existindo ainda algumas peças de sua autoria guardadas no Museu do Centro de Ciências. Manoel Gomes (filho), elemento da Banda Marcial, a primeira que aqui existiu organizada por Maneco Músico. Thomaz Gomes (filho), exímio violinista, e destacado componente da primorosa orquestra que atuava no antigo Teatro São Carlos. José Pedro de Sant'Ana Gomes (filho), grande artista, compositor de peças para concertos e óperas, sendo ainda notável violinista, um dos melhores de seu tempo na província paulista. Antonio Carlos Gomes (filho), glória da arte lírica internacional, autor de óperas de envergadura encenadas nos grandes teatros do Velho Mundo. Joaquina Gomes (filha), exímia pianista de concerto, muitas vezes aplaudida em apresentações públicas em teatros e salões de arte. Ana Gomes Funk (filha), pianista com larga atuação em nossos conjuntos orquestrais. Ormeno Gomes (neto), excelente compositor que residiu vários anos na Europa, deixando um acervo de inspiradas melodias. Alfredo Gomes (neto), grande violoncelista formado na Bélgica e professor na Escola de Música do Rio de Janeiro. Paulino Gomes (neto), grande esperança musical falecido prematuramente quando em viagem de estudos na Europa. Alice Gomes Grosso (neta), pianista de grandes recursos com destacada atuação em orquestra desta cidade e no Rio de Janeiro. Iberê Gomes Grosso (bisneta), considerado o maior violoncelista sul-americano. Ilára Gomes Grosso (bisneta), pianista de largos recursos com aplaudidas apresentações nos auditórios da Europa e do país".



Manoel José Gomes



Adelina Peri, esposa de Carlos Gomes

O piano: Uma relíquia que o CCLA guarda

Em 10 de março de 1928, realizava-se no Salão do Centro de Ciências, Letras e Artes, na antiga sede dessa agremiação à rua da Conceição, esquina da então rua Francisco Glicério, uma sessão solene em homenagem ao Estado do Pará. No convite que a diretoria do CCLA fizera imprimir, lia-se que se tratava de uma "sessão cívica em homenagem ao Estado do Pará, por ter o seu ilustre quanto digno governador, o exmo. sr. dr. Dionísio Bentes, acedido em confiar-lhe a preciosa relíquia do piano de Carlos Gomes". O piano, que traz a marca de Heitzmann & Filho, de Viena, fornecedores da Corte Real, já se achava em Campinas, na sede do CCLA, trazido pelo cidadão campineiro Armando Nascimento, que o recebera da Associação de Imprensa do Pará, sob cuja guarda até então estivera.

A conquista dessa valiosa peça que hoje faz parte do Museu "Carlos Gomes", do CCLA, foi o resultado de intensa campanha desenvolvida pelo Centro, por intermédio de seu Secretário Geral, Celso Ferraz de Camargo, com a colaboração do representante daquela entidade no Pará, sr. Armando Nascimento. Celso Ferraz de Camargo, em defesa da vinda do piano para Campinas, desenvolveu um trabalho persistente, lutando contra a direção do Museu Histórico Nacional e contra a revista "Fon-Fon", do Rio de Janeiro. E' copiosa a documentação sobre o assunto, existente no Museu "Carlos Gomes". Um dos artigos da revista "Fon-Fon", que bem caracteriza a campanha contra a vinda do piano para Campinas, para "uma associação particular confinada numa cidade do interior", é aqui reproduzido na íntegra. Foi publicado em "Fon-Fon", de 14 de agosto de 1926:

"Carlos Gomes, como toda a gente sabe, faleceu no Estado do Pará e o seu piano ficou guardado na Associação Comercial de Belém. Ninguém mais quase se recordava da existência dessa relíquia histórica quando o senador Lauro Sodré se lembrou de promover sua remessa para o nosso Museu Histórico Nacional, que é o lugar apropriado para se custodirem todas as preciosidades dessa natureza.

Estavam as coisas bem encaminhadas nesse sentido, quando o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas oficiou ao governador do Pará, pedindo-lhe que fosse entregue de preferência o piano do maestro glorioso.

E o sr. dr. Dionísio Bentes, diante disso, ficou sem saber como resolver o caso.

Não podemos atinar com a razão que dê preferência nesse caso ao Centro campineiro. É uma associação particular confinada em uma cidade do interior, não se podendo comparar com o Museu Histórico, estabelecimento oficial primorosamente instalado, visitado por todos os forasteiros que vêm à capital do país, admiravelmente organizado do ponto de vista da catalogação, conservação e exposição de objetos históricos, e contendo já as mais raras relíquias históricas da nossa vida nacional.

Não é possível que o sr. Dionísio Bentes hesite na escolha; não é possível que esqueça os compromissos anteriores da remessa do piano ao Museu; não é possível que desfaça o trabalho esforçado e nobre do senador Lauro Sodré, simplesmente para ceder a um pedido esdrúxulo, intempestivo, formulado à última hora.

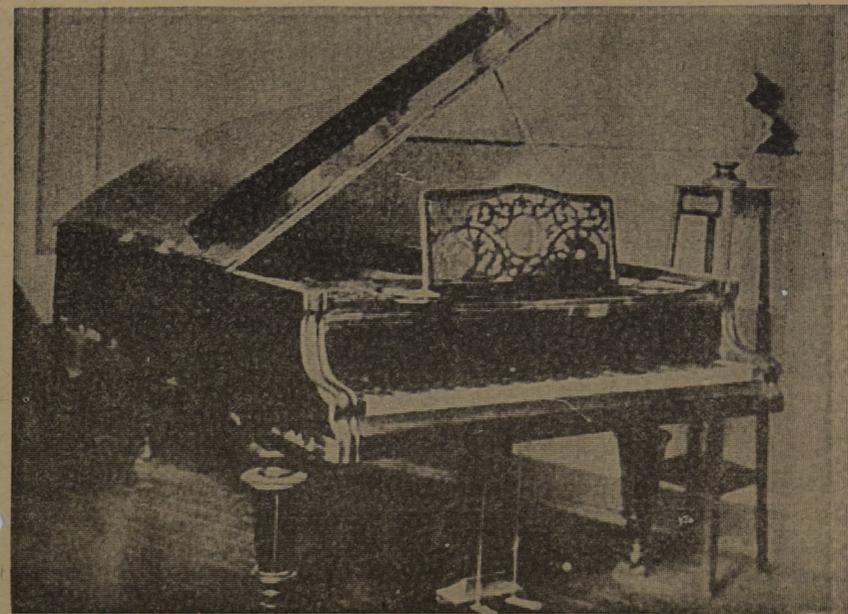
Chamamos para o assunto, data venia, a esclarecida atenção do governo da República. Estamos quase certos de que o Diretor do Museu não deixará que virge sem protesto a tal idéia e esperamos que o sr. Ministro da Justiça agrá junto ao governador do Pará no sentido de evitar que seja desencaminhado do Museu, onde já deveria estar, o piano de Carlos Gomes".

Há evidentemente um equívoco nesse artigo, quanto ao local onde fora guardado o piano, que ao deixar o Pará recebeu esta homenagem de Ettore Bonio, publicada na "Folha do Norte", de Belém:

"Adeus, meu velho amigo!

Um decreto governamental se destina a entrega ao Centro de Ciências, Letras e Artes" de Campinas, terra natal do teu senhor.

Que lá a tua ossada seja venerada e respeitada como merece, pedindo-te que se não esqueças de



De fabricação austriaca, o piano que pertenceu a Carlos Gomes é hoje uma valiosíssima peça a enriquecer o Museu Carlos Gomes, do Centro de Ciências, Letras e Artes.

quem, como eu, te amou e te ama e sente profundamente a tua partida.

Teu companheiro desde o último período da existência do imortal maestro, eu, teu sincero amigo, sinto-me deveras ferido, recordando os teus dias, os teus passados vexames sofridos em longos anos de vida, após a morte do grande gênio.

Foste martirizado com radicais operações no teu organismo, para servir como humilde colaborador, durante dez anos, no Instituto Carlos Gomes, profanando-se, com indecisa apredizagem, as saudosas lembranças das fabricantes inspirações do autor do "Schiavo", que muito te queria!

Foste, depois, segredado a uma fria e úmida sepultura no Teatro da Paz, e um compartimento sem luz, sem ar, habitado por cruéis roedores e nocivos insetos.

De lá foste salvo pela misericórdia e pelo coração generoso de Lauro Sodré, então governador do

Estado, entregando-te sua excelência à Associação da Imprensa.

Embora sem cordas, sem marfins e sem vida sonora, mudo, como é mudo o oceano em dia de calmaria, eras ainda e sempre o precioso piano de Carlos Gomes! E ela teve para ti o maior desvelo, hospedando-te na sala de honra da sua sede e cobrindo o teu corpo alquebrado pela dor com uma linda e riquíssima capa.

Que as tuas cinzas, que mais nada resta de ti, inspirem aos teus novos e ilustres possuidores o carinho, o amor, o repetido sentimentamente intensos que o Brasil te deve, porque traduziste as fulgurações do maior gênio da América do Sul — Carlos Gomes.

Adeus, meu velho amigo!
Adeus!
Parte em paz!"

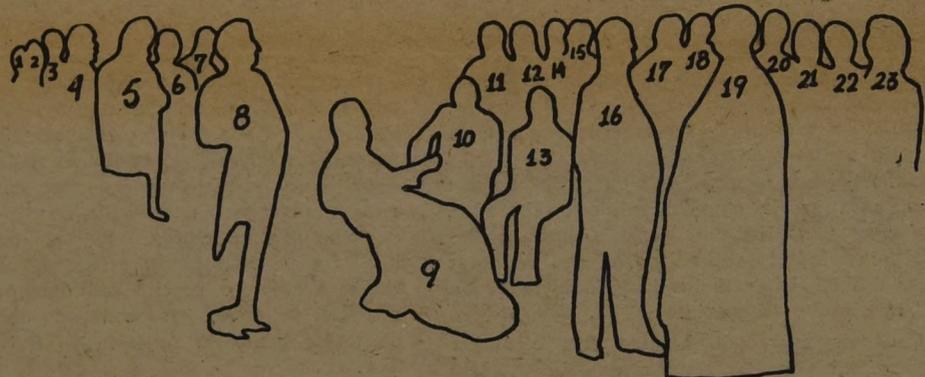


Dedilhando este teclado, Carlos Gomes compunha na Itália, suas óperas que o tornaram célebre internacionalmente.

O fim triste de uma vida gloriosa



O grande quadro de De Angelis e Campranesi.



De acordo com a edição especial da "Revista Brasileira de Música" publicação do Instituto de Música, em 1936, dedicada ao primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, podem ser identificadas algumas personalidades que figuram na tela de De Angelis e Campranesi, assim relacionadas:

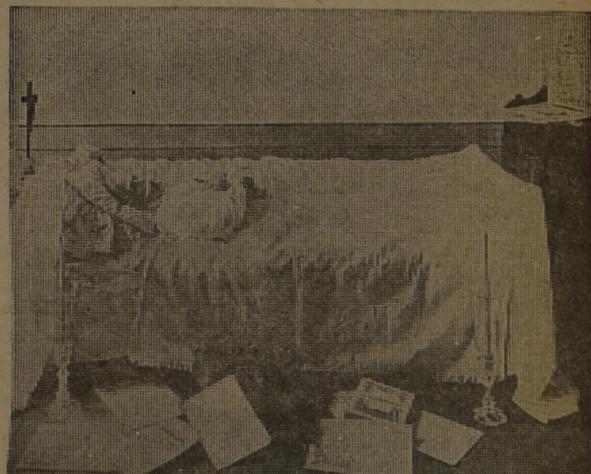
- 1 —
- 2 — Bento Tenreiro Aranha (jornalista).
- 3 — Licínio Silva (idem).
- 4 — Clemente Ferreira Júnior (professor do Conservatório).
- 5 — Ernesto Dias (emerito flautista e afamado compositor de música ligeira).
- 6 — Coronel Frederico Augusto da Gama Costa.
- 7 — Raul Franco.
- 8 — Visconde de S. Domingos.
- 9 — Carlos Gomes.
- 10 — Dr. Lauro Sodré (Governador do Estado).
- 11 — Antonio Leite Chermont (jornalista).
- 12 — Senador Antonio José de Lemos.
- 13 — Dr. Gentil Augusto de Moraes Bittencourt (Vice-Governador do Estado).
- 14 —
- 15 — João de Deus do Rego.
- 16 — Dr. José Paes de Carvalho (médico).
- 17 — Dr. José de Almeida Pernambuco (médico)
- 18 — Dr. Numa Pinto (médico).
- 19 — D. Tomé de Souza (Bispo do Pará).
- 20 —
- 21 —
- 22 —
- 23 — Almirante Indio do Brasil.

"Se é de morte o meu mal, quero ir morrer na minha terra", eis as palavras proferidas frequentemente na Itália por Carlos Gomes, segundo escreveu Tapa-joz Gomes, em janeiro de 1914, na "Ilustração Musical", citado por Roberto Seidl. De fato, foi em sua pátria que Carlos Gomes viveu seus últimos dias. Chegando a Belém, no Pará, já minado pela terrível doença, pouco tempo ali viveu. A 16 de setembro de 1896, às 22 horas, faleceu Carlos Gomes.

E' de Ernesto Sena este trecho, em que descreve a morte de Carlos Gomes: "Cercado de cuidados earinhosos pelo governo e pelo povo do Pará, que procuravam esparzir nas úlceras deste coração crivado de agonias bálsamo salutar, pôde Carlos Gomes cerrar os olhos para sempre um pouco consolado, pois soube que o governo de São Paulo e o da República resolveram interessar-se pela sorte de seus filhos que não ficariam ao desamparo como ele tanto temia..."

Os últimos momentos de Carlos Gomes foram fixados pelos pintores Domênico de Angelis e Giovanni Campranesi, numa tela de grandes dimensões que está na Prefeitura Municipal de Belém. Graças ao pedido feito ao prefeito Ajax Carvalho D'Oliveira, de Belém, a Prefeitura de Campinas possui agora uma reprodução fotográfica enviada pelo prefeito Ajax. Essa remessa teve origem num pedido da Comissão Organizadora da Semana de Carlos Gomes, em 1977, que solicitara àquela autoridade, por empréstimo, o quadro para exposição em Campinas, durante a "Semana" daquele ano.

Em vista das grandes dimensões do quadro, cujo transporte se tornava difícil, o prefeito Ajax Carvalho D'Oliveira resolveu mandar fazer a reprodução que ofereceu a Campinas.



Carlos Gomes em seu leito de morte